

Marx nunca foi radical o suficiente, a revolução será viada e louca ou não será! Ou resenha do livro *Por um comunismo transexual* de Mario Mieli

MIELI, M. *Por um comunismo transexual*. São Paulo: Boitempo, 2023.

Mário Jorge de Paiva¹

Eu guardo meu tesouro no cu, mas ele está aberto a todos...
Mario Mieli

A publicação em português do livro de Mario Mieli *Elementi di critica omosessuale*, originalmente de 1977, supre uma lacuna para a bibliografia em português nos estudos sobre gênero e sexualidade. Porém, enquanto um livro de 77, ele representa um mundo diferente e levanta uma série de questões; não sendo um livro fácil de traduzir ou editar, porque além de usar uma série de conceitos de modo singular, neologismos, ainda é um estudo bastante polêmico e combativo, contra os reacionários e conservadores, mas também contraparte da própria esquerda. É um livro denso, que talvez abra até uma nova chave de *diálogos* dentro do campo *queer* brasileiro.

Questões de tradução da presente edição já começam no título, que não é o literal, passando de *Elementi di critica omosessuale* para *Por um comunismo transexual*. O que pode induzir uma pessoa que estiver lendo o título ao erro, porque o que Mieli chama de transexual é algo diferente do que a psicologia chama de transexual hoje. Do mesmo modo, *gaio* parece que poderia ser substituído simplesmente por *gay*, capturaria melhor o espírito provocativo do texto, em nosso entender; há traduções de Nietzsche em inglês que colocam *gay science* etc. De qualquer jeito, é uma edição bastante competente e enriquecida por notas e textos extras de comentadores, os quais ajudam na leitura.

É uma obra difícil de resumir, de escrever uma resenha, mas avancemos. Mieli entre diálogos com feministas, Deleuze, autores da Escola de Frankfurt, militantes *gays*, Freud etc. quer uma soma entre o comunismo e os movimentos de libertação *gay*, e ele faz isso com uma adição, em grande medida, entre o marxismo e a psicanálise. Vale lembrar como na época essa psicanálise possuía uma centralidade no campo intelectual que atualmente



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

¹ Doutor em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; e-mail: mariojpaiva91@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>.

não parece ter mais tanto. Usar Freud para explicar o ser humano do século XXI, na era da neurociência, soa um pouco *démodé*.

A hipótese de Mieli é que a libertação de Eros e a emancipação da humanidade passam pela libertação do homoerotismo, em um fim das perseguições contra homossexuais, afinal há, seguindo uma leitura freudiana, um componente homoerótico no desejo em todos os seres humanos (Mieli, 2023, p. 282). Em uma libertação sexual que inclusive remodelaria os próprios homossexuais, pois isso também implicaria um reconhecimento dos desejos eróticos do homossexual por pessoas de *sexos diferentes* etc. (Mieli, 2023, p. 282).

São a homossexualidade e a heterossexualidade, enquanto antíteses, sendo substituídas por uma síntese transexual, em um surgimento de novas categorias polisssexuais; abandonam a cena homossexuais, e heterossexuais, e entram em cena seres humanos, guiados pela liberação da natureza hermafrodita do desejo (Mieli, 2023, p. 282). Essa libertação está em diálogo com a utopia, porque curada da neurose a sexualidade irá ser livre de culpas, algo que está em diálogo também com uma libertação das mulheres.

O colapso da lógica falocêntrica leva ao colapso capitalista, que se baseia na repressão e na exploração do Eros, que garante uma perpetuação do trabalho alienado e desnecessário (Mieli, 2023, p. 283). Essa libertação dos *perversos*, porém, coloca uma série de questões polêmicas, que o autor não desenvolve bem, porque se a masturbação se torna liberada o mesmo parece que estaria valendo para necrofilia, zoofilia etc. Assim vemos a radicalidade do argumento, se o entendemos bem. E nossa leitura não é tão heterodoxa, mesmo certos comentaristas da edição apontam para isso, igualmente não desenvolvendo bem o argumento e o absurdo que está posto. Tim Dean (2003, p. 295) fala de *múltiplas relações igualitárias* com todos os seres da terra, incluindo cadáveres, animais, plantas, coisas, garotos, e que Mieli estaria incluindo pedofilia, necrofilia e coprofagia em sua lista de *experiências redentoras*. Uma *glorificação* da necrofilia dentro de nossa sociedade, ressaltamos o óbvio *ululante*, é inaceitável, e o mesmo vale para outras práticas. Não vamos ficar analisando caso por caso, o que queremos ressaltar é o ponto claramente problemático do argumento.

O livro abre com uma introdução chamada *Premissa*, que explica que a obra foi uma adaptação de sua tese de láurea,² e coloca os primeiros pontos do autor. Ele busca uma verdade *gay*, através de uma *gaia ciência*, *ciência gay*, contra os clichês anti-homossexuais difundidos por médicos, magistrados e

2 Equivalente ao grau de bacharel no Brasil, como explica uma nota de tradução.

por aí vai. Fala Mieli da questão universal do desejo homossexual, negado pela ideologia heterossexual-capitalista etc. Mieli define o transexual como *nossa disponibilidade erótica potencial* (Mieli, 2023, p. 25), o que é algo absolutamente vago. Além de certos conceitos vagos, é válido apontar como o livro possui muitas repetições de ideias, além de certos pontos polêmicos, já mencionamos isso, e irônicos que tornam difícil delimitar um programa sociológico claro.

○ livro então passa para o 1º capítulo, de uma série de 6 textos e a conclusão, chamado *O desejo homossexual é universal*. Nesse capítulo parece existir o diálogo mais central com o campo *psi*, Freud e a psicanálise. Ou seja, dialoga com conceitos como inconsciente e recalque, e o ódio contra o *gay* seria recalque do componente homoerótico em indivíduos identificados como heterossexuais.

Isso ocorreria, seguindo Freud, pois as crianças são voltadas ao polimorfismo perverso. A sociedade *educastra* a criança e então o normal é um mutilado eroticamente. Aqui vale lembrar como os comentadores apontam que sua leitura de Freud, e de outros elementos psicanalíticos, merece crítica e discordância. Nesses termos Teresa de Lauretis (2023, p. 304) lembra que o inconsciente coletivo de Jung é parente distante do conceito de Freud, sempre individual e contingente à materialidade de um corpo, do mesmo modo o Eros de Marcuse possui baixa relação com o polimorfismo perverso de Freud, ou com o próprio conceito de Eros em Freud. Christopher Lane (2023, p. 331), por sua vez, relembra como nem Foucault e Lacan aceitaram a soma de Marcuse entre Marx e Freud, ou seja, as escolhas de Mieli são claramente heterodoxas.

Para Mieli a teoria de Freud parecia tendenciosa por classificar certas coisas como desvios e outras não, há uma grande discussão com o Complexo de Édipo (Mieli, 2023, p. 49). Sendo que, se olharmos para a natureza, vemos como a homossexualidade é normal em várias espécies; estudos antropológicos mostram que de várias sociedades é uma minoria que reprova comportamentos homossexuais, falando assim o autor em um tabu anti-homossexual da nossa cultura ocidental (Mieli, 2023, p. 55-56).

Como estamos tentando mostrar, muito do argumento, mesmo que uma crítica interessante ao campo da psicanálise etc., surge baseado em argumentos de autoridade ou em sua crítica. Os pontos mais nevrálgicos da lógica de Mieli não possuem ferramentas para comprovação ou refutação. Certas discussões dos anos 70 já caíram hoje, o que, por outro lado, mostra o acerto de Mieli contra certas linhas conservadoras e reacionárias de análise.

Ele estava certo quando disse que muitos médicos, além de criminosos, eram imbecis (Mieli, 2023, p. 64).

No ponto mais polêmico do capítulo, o autor fala que gays revolucionários podem desejar eroticamente crianças e podem fazer amor com elas. Pois a pederastia dirige mensagem de amor à criança (Mieli, 2023, p. 82-83). Aqui só queremos deixar clara nossa total discordância. Aqui o autor deve ser frontalmente e duramente criticado. Mesmo se ele estiver sendo irônico, é contraproducente para o movimento LGBTI+ alimentar essa soma entre a comunidade e abuso infantil; muitos conservadores e reacionários já fazem isso. Ou seja, nas questões mais delicadas e que mereciam clareza, o autor pode ser mais vago, e mesmo ambíguo.

O capítulo 2, *Como os homossexuais, de fogueira em fogueira, tornaram-se gays*, se mostra mais interessante que o primeiro, por ser mais uma análise histórica das perseguições aos homossexuais ao longo do tempo, assim é menos psicanalítico, também falando, por relação, dos movimentos de libertação gay, seja no século XIX ou nos anos 60 e 70 do século XX.

Há uma indagação, similar ao Foucault, sobre de qual lugar, de qual ponto histórico, surge isso, surge essa condenação. Foucault, vale dizer, é o grande ausente nessa obra; Dean (2023, p. 296) também aponta para isso. O que causa estranheza. Dean diz que essa ignorância recíproca se deu porque o 1º livro da história da sexualidade foucaultiana e o livro de Mieli foram lançados em um curto espaço de tempo, o que não nos convence. Vale lembrar como várias outras obras importantes de Foucault já estavam circulando; *As palavras e as coisas*, por exemplo, é de 1966. É estranho, hoje, ver um autor que parece ter tido tanto contato com Deleuze e nenhum com Foucault. Como não somos especialistas nisso, não iremos aprofundar, mas aqui levantamos uma hipótese, que nos soa plausível: *a ausência de Foucault é proposital*.³ Enfim, a relação entre um *anarqueologista*, como Foucault, e o comunismo nunca foi simples.

Para Mieli (2023, p. 94) é difícil entender como certos grupos judeus passaram para uma condenação da homossexualidade, visto como algo relacionado com práticas e costumes do paganismo. Teria sido do judaísmo, com intermédio do cristianismo e do direito romano,⁴ que chegou até nós essa condenação, nessa leitura de Mieli. Mesmo que existam outras fontes de condenação, talvez que possamos chamar de menos centrais. Enfim, como

3 Vale lembrar: como Mieli é um autor pouco conhecido e difundido no Brasil, talvez pesquisadores estrangeiros já tenham elaborado respostas mais contundentes ao ponto colocado. Aqui, na verdade, estamos admitindo uma ignorância nesse tipo de estudo biográfico de Mieli.

4 O autor relembra como no século IV o cristianismo se tornou religião oficial do Império.

acréscimo, podemos ressaltar que Foucault possui estudos – sobre Grécia, Roma, começo do cristianismo – de fôlego muito maior (cf. Autor, 2022). O que pode realmente complementar quem for ler Mieli.

Assim enquanto vemos o tabu anti-homossexual realizar milhares de vítimas na história da Europa, o mesmo não ocorreu em áreas fora do universo judaico-cristão. China, Japão, Índia, países árabes, África, América pré-colombiana viviam outras realidades (Mieli, 2023, p. 105). Como o capítulo analisa a história de diferentes países, também é curioso como Mieli mostra que a URSS em um primeiro momento aboliu as leis anti-homossexuais, mas depois esse elemento de opressão voltou (Mieli, 2023, p. 116-117). Mieli critica URSS, Cuba etc., porque em tais locais a perseguição é mais severa que em países capitalistas, como Itália, Inglaterra e França (Mieli, 2023, p. 118).

No capítulo 3, *Os “machões” heterossexuais ou: as criptobichas*, o autor continua falando do *fundo* homossexual que existiria nos meios e na cultura heterossexual, por tratar de vários tópicos. É difícil de resumir e traçar uma linha clara, contudo o autor passa por Platão, Dante, David Bowie, (um elogio da) coprofagia etc.

Começa falando da questão dos esportes, e mesmo esse não sendo o melhor capítulo, há pelo menos uma grande reflexão aqui: sobre o drama dos homossexuais jovens que sofrem nas aulas de educação física; assim para tudo essas autoridades enxergam os homossexuais como doença, mas na hora de darem uma dispensa na aula de educação física não o fazem (Mieli, 2023, p. 143). Ora, genial, deveria ser política pública mesmo dar dispensa para os jovens LGBTI+ das aulas de educação física, caso fosse solicitado.

Em outro momento fala das *heterobichas*, ou do culto ao *gay superstar*, isso envolve uma apropriação da comunidade *gay* dentro da lógica do capital. Utilizando mesmo os homossexuais para explorarem mulheres, com toda a indústria da moda, que aprisiona o corpo feminino etc. Um ponto importante de Mieli que depois reaparece em outras pesquisas, como em certos textos da própria Judith Butler (cf. Butler, 2022), é que grupos diferentes demandam coisas diferentes. Logo se a roupa da moda feminina prende a mulher e a exaure, essa mesma roupa pode ser um sinal de libertação para a travesti etc.

O capítulo 4, *Dos delitos e das penas*, continua essa análise variada da questão. Fala do assassinato de Pasolini e dessa relação de violência com certos garotos de programas, também usados pelo capital. Fala da relação conturbada com a esquerda, sobretudo o Partido Comunista Italiano, mesmo que existam mudanças.

O capítulo 5, *Mens sana in corpore perverso*, possui talvez como elemento central sua análise da viagem esquizofrênica. Aqui a ausência de Foucault fica mais uma vez presente, além de ter certo romantismo da *loucura*, algo próximo ao Nietzsche, no sentido de sua conturbada biografia etc. Vale ressaltar que Nietzsche não é um dos autores mais facilmente incorporáveis ao marxismo, uma discussão que simplesmente falta no livro de Mieli.

A *loucura* surge como uma experiência de verdade profunda, transexual, universal, e há até um diálogo sobre a magia e sobre o hermafroditismo, enquanto um elemento mágico. De todos os capítulos esse é o mais subjetivo e pouco claro, no sentido de que não possuímos a mesma relação com a *experiência esquizofrênica* que o autor está abordando. Do mesmo modo, é pouco claro o que o levou ao encontro com a psiquiatria e a internação, David Jacobson (2023, p. 318) fala que provavelmente foi algum colapso induzido por drogas alucinógenas, e foi o que nos pareceu também, contudo não podemos ter certeza.

Vale dizer, como o faz Claude Rabant (2023, p. 344), que o conceito de esquizofrenia aqui utilizado está em diálogo com a esquizofrenia colocada nos termos de Gilles Deleuze e Guattari.

O texto longo final é *Rumo ao gaio comunismo*. Aqui se começa falando da questão do travestismo, mais uma vez da submissão do Eros na esfera econômica, volta de forma vaga ao tema das crianças, fala do gueto e do sair do armário em ambientes de trabalho etc.

De todos os tópicos os mais interessantes, aqui, são o da crítica aos guetos e esse elemento de poder sair do armário no ambiente de trabalho. Fala de como o sistema *guetizou* tanto e colonizou o gueto, que muitas vezes os *gays* repetem papéis, com culpa e marginalização. Foram tão chamados de doentes, agora se enxergam como doentes. Às vezes se observam como ridículos, lamentais, grotescos, e isso ocorre porque não é permitida, muitas vezes, a alternativa de se verem como humanos. Os loucos, os negros, os pobres ficam assustadores por carregarem, diz Mieli (2023, p. 276), na face essa marca da opressão sofrida. Mas a marca pode ser o anúncio de um novo tempo, no rosto da travesti pode se ver o brilhar da *gaieza* do desejo que está sendo liberto. Em uma guerra contra o capital que não está perdida. Pois cabe a nós tornar essa emancipação real.

O livro termina com conclusões finais, em uma parte chamada *Fim*, esse fim é o ponto mais didático da obra, em que Mieli diante da quantidade de temas e elementos tenda elencar os elementos centrais e quais as hipóteses presentes. Como já dito, a adição nacional coloca textos extras, que ajudam

no *estado da arte* do tema, lembrando o quão pouco Mieli ainda é estudado no Brasil, em comparação com outros ramos de pesquisa.

Nossa conclusão final é: Mieli merece ser lido, sua escrita de *ciência gay* é afiada, com polêmicas, erudição, velocidade e uma coragem, em certos temas, que ultrapassou Foucault nos anos 70. Mas ele também é o retrato de uma época, de outro mundo. Sua fé no marxismo e em Freud, mesmo com críticas, revela um descompasso com o mundo atual, mesmo que existam autores como Žižek, que queiram *ressuscitar* causas perdidas. Sim, Mieli pode ajudar em algo os estudos de gênero e sexualidade, mas mesmo seu lugar nisso precisa ser pensado com muito cuidado, pois vários pontos seus são problemáticos.

Mieli em seu radicalismo, em sua utopia transexual sadomasoquista e de coprofagia, lembra um pouco o Marquês de Sade, simplesmente difícil de copitar. Assim ganha posição do excluído, fica no panteão dos malditos – não é tão *vendável* quanto Foucault, Butler, Deleuze e Adorno dentro das universidades; afinal mesmo os jovens muito rebeldes vão titubear diante da ideia de ficarem comendo fezes, porque isso seria revolucionário –, e só pode ser lido e usado de formas parciais, mais *domesticadas*.

Referências

BUTLER, J. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

DEAN, T. “O meu tesouro.” Notas posteriores. In: MIELI, M. **Por um comunismo transexual**. São Paulo: Boitempo, 2023.

JACOBSON, D. Revelar-se ocultando-se. In: MIELI, M. **Por um comunismo transexual**. São Paulo: Boitempo, 2023.

LAURETIS, T. A gaia ciência, ou a Norma corrompida. In: MIELI, M. **Por um comunismo transexual**. São Paulo: Boitempo, 2023.

MIELI, M. **Por um comunismo transexual**. São Paulo: Boitempo, 2023.

RABANT, C. Um clamor suspenso entre a vida e a morte. In: MIELI, Mario. **Por um comunismo transexual**. São Paulo: Boitempo, 2023.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em abril de 2024.